

Alguma arte de rua em Lisboa: Entre a disponibilidade política e a descartabilidade estética

SEBASTIÃO EDSON MACEDO

Minha primeira visita a Portugal, em junho de 2011, deu-se como viagem de reconhecimento. Explico: a grande maioria das coisas que vi na cidade de Lisboa, por exemplo, eu já conhecia de fotos, de leituras, de memórias alheias, enfim, projeções mediadas pela representação do que se há de ver quando se houver de lá estar. Nesse sentido, ver Lisboa foi como que conformar a vista ao que já era visto. Ressalvo, no entanto, a sensação ao mesmo tempo eloqüente e desassombrada de estar dentro do que via, de ser parte material, táctil, desse texto projetado pelos outros, que era, naquele momento, texto, também táctil e material: a cidade. Não era, de fato, uma sensação ligada a qualquer ontologia que eu acaso estivesse experimentando de Lisboa. Era uma sensação geral de existir e de ser invisível junto com as cidades e suas incessantes vigílias.

Talvez tenha sido essa sensação o que me deixou sensível aos grafites, às pixações, às colagens, aos anúncios e toda sorte de discursos públicos espalhados no corpo ocioso da cidade, no que esses discursos também têm de existência e invisibilidade. Atraído por eles ao tocar adiante minhas deambulações diárias, detectei o quanto, em sua diversidade de vozes e estéticas, há outros modos de percorrer e, sobretudo, desconhecer Lisboa. A Lisboa que não está nos guias dos conformados nem nas dicas exclusivas dos alternativos. A Lisboa que fala consigo mesma, contemporaneamente, e que reclama, que ressalta, que delira. Através dos grafites, das pixações, das colagens, que redundam, afinal, numa arte de rua, errei por uma Lisboa totalmente viva e jovem, totalmente disponível e descartável.

Fazendo contraponto com o Mosteiro dos Jerónimos, que me impressionou particularmente, dentre todos os demais patrimônios arquitetônicos, enquanto lápide do monumental e versão do histórico, a arte de rua lisboeta representou para mim a experiência visual mais rebelde de um mundo de anônimos cujas vozes se recusam a calar, seja no âmbito do tema pessoal, seja no âmbito do

coletivo; seja, ainda, na freqüente confusão entre ambos, como se se tratassem de ruínas, de calões, onde vestígios do humano ainda rumorejam fora da oficialidade dos tombos e dos horários.

Mostro aqui, em 4 fotografias, os “erros meus” pela Lisboa que me desviava, pela fortuna que eu lia na Lisboa de hoje e de outrora. A Lisboa que eu cursei num verão e descobri.



Foto 1 – Lisboa. Porta inoperante de um prédio entre a Baixa e o Chiado. Cartaz anunciando concurso de fotografia lomográfica, em inglês, com enquadramento centralizado sobre um conjunto aleatório de pixações, incluindo assinaturas e símbolos de indivíduos ou grupos. Notar a dialética entre a aleatoriedade das pixações e dos quadros no lado direito do cartaz. A sobreposição entre o slogan do concurso “Make your prophecy” e o caráter indecifrável das pixações, também, apontam, se quisermos, para o palimpsesto e o oráculo.



Foto 2 – Lisboa. Muro entre dois prédios na Baixa. Conjunto de azulejos reproduzindo os motivos lusitanos com letras dispostas em texto. A voz do texto deixa marca de gênero feminino na enunciação. O discurso, no registro da mensagem, remete a uma conversa pessoal descontinuada, de caráter ligeiro, oral ou, pelo menos, estranha ao suporte mais lento e mesmo permanente do azulejo.



Foto 3 – Lisboa. Quina de prédio na Baixa. Stencil com tinta vermelha usando o sinal de proibição/interdição sobre os símbolos das três maiores religiões monoteístas do planeta, cristã, islâmica e judaica, respectivamente. Abaixo, em inglês, a intrigante declaração: “Adultos com amigos imaginários são estúpidos,” o que remete a uma crítica não somente a deus como amigo imaginário central dessas religiões, mas também à noção político-teológica de cidadão como amigo do estado e amigo de deus. Sem dúvida, a estupidez aqui remete ao fundamentalismo.



Foto 4 – Lisboa. Rua do Carmo, Chiado. Colagem em preto-e-branco com dizer “Há muito tempo na rua,” reproduzindo um morador de rua que talvez mimetize casual e justamente o homem que está ao lado, adormecido. Notar que a colagem se encontra duplamente avariada: rasgos na lateral e uma sobrecolagem de propaganda eleitoral cujo candidato se referindo às dívidas de Portugal à União Européia, com o dizer “Não pagamos!”, o que remete de muitos modos à situação dos desassistidos e desabrigados em geral.